

Luís Ramos Verbo Condicionado

Álbum de poemas

Lisboa 2018

Edição e ilustração: Ângela Correia



BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

I

O meu maior desejo
é estar imóvel
para poder compreender
o movimento das coisas

Onde está o movimento

Porque não é ele
como um saco de plástico
ou um grão de ervilha
que eu possa analisar
e objetivamente ver

Onde está o movimento

Se já procurei
no vasculhar dos caixotes
do lixo
no deslocar de um automóvel
no teu falar
no amadurecer de uma laranja
no meu querer tanto a tua presença

Onde está o movimento



**E uma bruxa que faz feitiçaria
para tratar os coelhos feridos
pelos tiros dos caçadores
e para ressuscitar os ouriços
mortos na beira da estrada
disse-me que o movimento
eu só poderia encontrá-lo
num único lugar
Porque o movimento é**

**como a personalidade
única da cada substância
E que esse lugar é o
Verbo**



III

Eu tenho tanta pena
dos ditadores
muito velhos
e engenhosos
com um sorriso
no rosto
e o olhar doce e
o modo paternal
com que olham da varanda
a multidão como uma
flor murchando que
somente eles podem curar

Muito vagarosamente
trazem o regador e deitam
no vaso a água
esquecendo-se
por causa da memória interrompida
que ali haviam despejado
a água com que tinham lavado
o chão
acabando por
matar a flor



**Afinal existe um corpo fora
do meu corpo**

**Mas
será que também é
uma consciência**

**E depois tive uma
ideia para o testar
pegando numa ponta
da linguagem que me liga**

**a mim comigo e ligá-la-ei
a ti**

**Depois eu perguntei como
te chamavas e tu respondeste
à minha pergunta
o que foi incrível para mim
E depois eu fiz-te mais
perguntas e tu respondeste a tudo
E eu pude concluir que
tu também tinhas uma**



**consciência e que também
sonhavas com o infinito
e com o absoluto**

**Foi tão incrível perceber
que um ser como tu
tão exterior e tão estranho a mim
consegua compreender o que eu dizia**

**Como aprendeste tu a fazer
isso**



V

Eu ergui a minha mão
para agarrar a vida
isto é
o cantil da água e o pão integral
que eu comprei há três dias

Mas eu não tinha força
na mão e uma dor
como uma pulseira
daquelas que tem inscrito
o nosso nome envolveu-me
o pulso
e como uma raiz
na terra que repousa sobre

caliço branco
espalhou-se por toda
a mão

Aquele leve pedaço de pão
tornou-se insuportavelmente
pesado
pelo que ficou meiconsumido*
e a garrafa com água
quase arrancava de mim
a minha mão

* Consumido apenas pela metade.



**Perdi as forças
físicas para agarrar a vida**

**E a culpa é da minha mente
Eu sei
que cortou a força
à minha mão para que
se tornasse inativa
e coubesse ao pensamento
aquela tarefa**

**Mas o pensamento
é outra forma de não
agarrar a vida**

**porque a vida que ele agarra
é sempre outra
já encarnada
como a árvore antiga
do jardim da praça
e a porta de madeira do quarto**

**É por isso que as aves fazem
ninhos no cimo dos ramos
e os pombos andam sobrevivendo
pelas estações ferroviárias
entre a bagagem
o excremento e a pastilha
elástica**



VI

**Porque não passa o tempo
mais depressa**

**Porque é a felicidade
tão demorada**

**Podíamos ter evitado isto
para concentrar a vida num
ponto único de alegria
como o centro de um
universo
vazio
limitado
absurdo**

Eu quero o bem imediatamente

**Enquanto desprezar a minha
vida o tempo sempre será
separado de mim
e eu o verei como coisa externa**

**Mas quando o momento
é aprazível eu me fundo no
tempo e não há tempo exterior
senão o meu corpo
e os limites
do meu
contentamento**



VII

Eu queria ir
para a rua
a fim de conhecer
o mundo mais
intimamente
melhor do que eu conheço
o meu próprio ser

Eu queria vaguar
deambular
para ver
as pessoas nas paragens
do metro e do autocarro

e estar para a vida como
elas estão para isso

Eu queria cruzar-me com um
cão e com alguém
que eu pudesse petrificar
no meu olhar
mas eu já não tenho peúgas

Lavei-as ontem

Deixei que elas se me
acabassem para poupar



O comboio parou na estação

Pessoas saem e entram

Eu sentei-me num banco
junto da janela

O comboio partiu

e o meu banco era contrário
ao sentido da direção
em que seguia a locomotiva
e eu vi o meu lugar desaparecendo
e percebi que
não



IX

**Eu marquei a minha vida
no calendário**

**Marquei a hora e o local
para me encontrar com
as coisas que por
dever eu tenho
de realizar**

**E percebi que tudo
se resume a estas
manchas de carvão
de intenções adiadas
ou vencidas**

**ou alteradas
ou esquecidas
ou cumpridas
que vão definindo
a minha vida
e se transformam
na minha vida
e são a minha vida**

**Só o entrisso* é
algo de subtilmente
inefável**

*Intervalo interno de uma mesma ação.



**Se houvesse uma corrente que me
prendesse ao chão
a minha vida teria
um sentido
e eu seria
feliz**



XI

Eu fui às compras
e passei por todos os corredores
até encontrar a caixa
cinzenta que
continha seis ovos

Eu peguei na caixa
e dirigi-me à caixa
onde uma mulher
robotizadamente*
repetia o processo

se um homem é um processo
a sua verdade se tornou processual

E ela perguntou se
eu queria
saco

contribuinte
E disse o preço
e eu paguei

E ela deu-me o troco

*Agindo de forma semelhante a uma máquina



**Eu nem consegui distinguir
o movimento do gesto
e as palavras
da voz do estalido
da caixa registadora e da
tampa a levantar-se**

**Eu agradei
emaquinecendo-me* no
contágio da situação**

**Eu saí da loja
e**

**acolhendo entre
as mãos a caixa dos ovos
caminhei pelo
passeio subindo a avenida
que findava na igreja
Entrei na igreja
benzendo-me depois de entrar
caminhando até ao altar
depositei a caixa dos ovos
por baixo do sacrário dourado
junto às
velas**

*Agindo de forma semelhante a uma máquina.



XVI

A imagem do mundo
é tão complexa

Eu vou
àquela janela
para ver

Não te esqueças da angústia e da prisão

E vejo tão pouco

Só um sonho abarca tudo
e é tão irreal

Ali está a árvore
Tento imaginar
a árvore como cabelo de um corpo
como borbulha emergindo
de um poro
e a terra como poro

Quero compreender tudo
para morrer feliz
quero sair daqui para ser livre
e quero ser amado

Não quero estar preso



**Como pode a terra ser um corpo
Como pode Deus existir
Como parece estar tudo condicionado**



XVII

Tu disseste

**Nem penses
em lavar os meus
talheres**

**E foi como
se tivesses dito**

**Nem penses
em amar-me**

E eu sorri

baixei a cabeça e sorri

**Chorei e vi-me iludido
mas cumpri a tua
vontade**



XVIII

A comer Cerelac
à janela estou

Abro a janela
para que o vento me arremesse
o rosto e a esperança em êxtase

Estou no quinto andar
e vejo o topo dos prédios
e o céu nublado que é seus pensamentos
e meus pensamentos

É sempre por causa
de quem não vem
que eu como Cerelac à janela

Na rua não passa nenhum carro
Eu sabia que passaria um agora

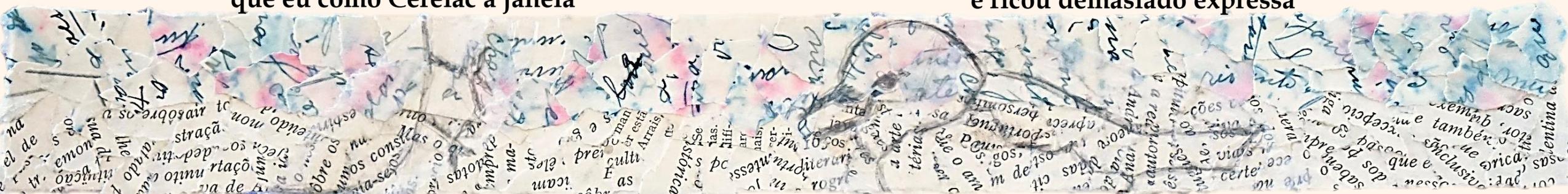
A Cerelac arrefeceu

Sempre apareceu alguém

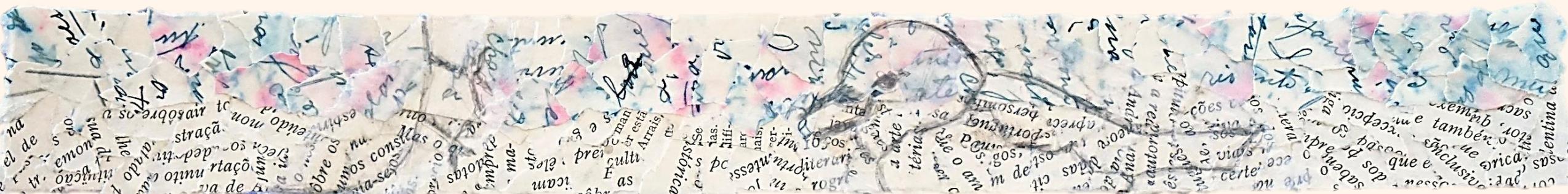
É isto que é ser

Esta imagem estática
em que só o cartaz se move

Que tristeza
a Cerelac arrefeceu
e ficou demasiado expressa



Há certas coisas que só
se comem bem quentes
nunca porém a
solidão



XIX

**Tomei noção de que a
minha vida é como
aquele arroz que eu fiz hoje
para jantar**

Eu tinha tanta esperança

**Na minha mente havia
tanta expectativa**

**Na minha mente havia
um arroz maravilhoso e eu**

**juntei noz e ovo e cereais e manteiga e orégãos
e o arroz ficou horrível
como a minha vida concretizada
a partir de um ideal
ou de um desejo
persistente**





Luís Ramos veio de um lugar no Algarve, chamado Tunes, para Lisboa. Gostaria de regressar a Tunes, quando terminar o curso de Filosofia. Pertence ao grupo Os Invulgares.

Luís Ramos

Verbo Condiçionado

Álbum de poemas

Edição e ilustração: Ângela Correia

Lisboa 2018

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA